

## EDUCAÇÃO NO CAMPO: “POR UMA PEDAGOGIA DE PROJETOS”

Marcos Antonio de Freitas<sup>1</sup>;

Ana Josefina Ferrari<sup>2</sup>.

### RESUMO

O desenvolvimento é a tomada de consciência e só será alcançado através da educação integral do ser humano. Esse processo tem reflexo na comunidade, na família e na escola do campo. O presente trabalho propõe reflexões sobre a evolução da educação do campo no Brasil e o ensino pela pedagogia de projetos. Através da pedagogia de projetos objetiva-se instigar os alunos do campo a participarem de novas experiências e aprender com aquilo que acontece em seu cotidiano, com as diferentes idades e mediação de alguém mais experiente, sejam seu professor ou um agricultor. Através de pesquisa bibliográfica buscou-se um referencial teórico sobre a educação no campo no Brasil, levantando avanços, desafios e metodologias de trabalho. Estas pesquisas foram realizadas em fontes impressas e eletrônicas e através de relato de caso desenvolvido com os alunos do Colégio Estadual Olídia Rocha em Nova Tebas entre 2009 e 2010.

**Palavras chaves:** Escola do campo, ensino por projetos, desenvolvimento, educação, metodologia.

### 1 - A educação no campo no Brasil

O Brasil hoje é um país urbano, são 81,3 % de sua população vivendo em cidades (TAMDJIAN, 2005), entretanto com identidade rural, pois experimentou a

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Nova Tebas, e-mail: mafreitas@seed.pr.gov.br.

<sup>2</sup> Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

pouco tempo dois fenômenos muito estudado pela geografia: A explosão demográfica e o êxodo rural. Naturalmente em função desses dois fenômenos muitas consequências foram se desdobrando como: inchaço urbano, favelização, metropolização, diminuição das taxas de natalidade, esvaziamento das cidades do interior, mecanização do campo, entre outras. Na verdade são fenômenos que se desenvolveram junto com a industrialização e muitas vezes estão tão entrelaçadas que é difícil dizer qual é causa e qual é consequência.

À medida que o país desenvolve seu processo de industrialização, a indústria passa a configurar-se como sinônimo de desenvolvimento e o desenvolvimento por sua vez passa a significar modernização. Esse processo fica bem evidente em nosso país a partir da década de 1950 com a Revolução Verde.

Revolução Verde “é a adoção de um pacote tecnológico que implicou em uma relação de dependência da agricultura para com a indústria de agrotóxicos (inseticidas e fungicidas), adubos de alta solubilidade, maquinários agrícolas, entre outras, que resultou em uma convergência do ingresso da agricultura familiar e camponesa na lógica capitalista” (Educação no campo – Especialização Módulo III – Práticas Pedagógicas em Educação no Campo, 2010, p.6)

A modernização ganha força no espaço do campo através da homogeneização da agricultura com o desenvolvimento das monoculturas, principalmente para exportação, com emprego de máquinas, insumos agrícolas industrializados e crédito rural fácil. Esse pacote tecnológico veio para resolver todos os problemas da época, pois significava aumentar a produção através do incremento de insumos químicos, melhorando a fertilidade do solo e matando as pragas. Máquinas passam a realizar os trabalhos do homem do campo que migram em massa para as cidades, ofertando sua mão de obra para as indústrias que se instalavam. As indústrias, por sua vez, produziam os insumos para abastecer as máquinas do campo que faziam essa “nova agricultura”. Ao mesmo tempo, muitas famílias que não conseguiam adquirir os chamados pacotes tecnológicos e não produziam igual aos da “nova agricultura” foram sendo excluídas do processo produtivo. Assim, a figura do agricultor atrasado vai se estereotipado como no caso

do “Jeca Tatu” das roupas remendadas nas danças de quadrilhas, desenhando este agricultor como um maltrapilho e desdentado, cheio de filhos, com a casa caindo, etc.

Dessa forma, a agricultura camponesa brasileira é vista como algo atrasado e os aparatos, ditos modernos, tinham a função de trazer a modernização urbana para o campo. Porém, com o atrelamento da indústria, cidade e campo vão mudando as relações de trabalho no campo e os agricultores que não conseguem acompanhar a tecnificação oferecida pelos “pacotes” vão sendo excluídos.

As propostas colocadas como pacotes aos agricultores brasileiros, assim como para a maioria da América Latina, vislumbravam o desenvolvimento qual segundo a lógica do modo de produção capitalista significava o crescimento econômico. Dessa forma essa revolução cumpriu seu papel dando suporte ao grande agricultor que se desenvolveu e atualmente representa grande parte do PIB brasileiro com suas das exportações.

No entanto, para muitos agricultores camponeses essa revolução tecnológica significou um limiar em sua história, pois a maioria não sabia ler e escrever, já que escola do campo não era importante naquele tempo. A não compreensão das recomendações técnica feita aliada às dificuldades financeiras de acesso aos insumos provocou uma grande leva de migrantes em direção aos centros urbanos, muitas vezes vendendo suas terras ou até mesmo entregando-as aos bancos. Estes migrantes com mão de obra não qualificada e barata foram suprir as indústrias que se formavam.

Cumpre-nos lembrar que os povos do campo se viram excluídos desse processo de desenvolvimento, embasado no econômico, pois lhes faltava leitura e compreensão desse novo mundo.

O conceito de desenvolvimento para nós que atuamos, vivemos, trabalhamos e acreditamos na educação do campo, tem que estar ligado ao processo de libertação das sociedades, como coloca Freire (1979), “in: *Modulo III – Educação no campo p. 9*”. Ou seja, o desenvolvimento da expressão humana está atrelado à

liberdade do indivíduo em si e da valorização, ele enfatiza que o desenvolvimento se dá a partir da libertação e autonomia dos educadores e educandos, num processo que ambos sejam sujeitos da sua construção histórica (FREIRE, 2002).

O desenvolvimento, por tanto, é a tomada de consciência e só será alcançado através da educação integral do ser humano. Esse processo tem reflexo em sua comunidade, família e em sua escola do campo. Segundo Caldart (2003) a escola deve ser vista como um espaço de construção do ser humano. Para os trabalhadores do campo, a educação é o desenvolvimento de potencialidades e apropriação do ser socialmente construído.

Compreender o lugar da escola na Educação do Campo é ter claro que ser humano ela precisa ajudar a formar, e como pode contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que se constituem no campo, hoje. A escola precisa assumir a sua vocação universal de ajudar no processo de humanização, com as tarefas específicas que pode assumir nesta perspectiva. Ao mesmo tempo é chamada a estar atenta à particularidade dos processos sociais do seu tempo histórico e ajudar na formação das novas gerações de trabalhadores militantes sociais (CALDART, 2005), “in: GEHRKE, 2010, Modulo IV –parte II - Educação no campo p. 6”.

Educar é estimular o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade - pessoal, intelectual, emocional, física - relacionada com a comunidade e sociedade. O processo de aprendizagem do educando está ligado às leituras, dimensões, impressões, atividades e experiências que ele vivencia ao longo da vida e gera transformação (Gadotti, 2003).

A partir de 1930 o governo federal incentivou a ocupação para oeste visando conter a forte migração do campo para a cidade. Os resultados não foram suficientes e a educação rural ainda se constituía numa ação “compensatória”, pois tratava os sujeitos do campo como incapazes de tomar suas próprias decisões.

Em 10 de dezembro de 1937, é decretada a Constituição que sinaliza para a importância da educação profissional no contexto da indústria nascente... Essa inovação, além de legitimar as desigualdades sociais nas entranhas do sistema de ensino, não se faz acompanhar de proposições para o ensino agrícola. ([Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001, p. 7](#)) disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 4024/61) passou aos estados a organização, manutenção e funcionamento do Ensino Primário e Médio. Já estruturação da escola fundamental na zona rural ficou a cargo dos municípios e isto se caracterizou uma omissão para com os povos do campo, pois os municípios carentes e inexperientes não dariam conta.

Em resumo, há, no plano das relações, uma dominação do urbano sobre o rural que exclui o trabalhador do campo da totalidade definida pela representação urbana da realidade. Com esse entendimento, é possível concluir pelo esvaziamento do rural como espaço de referência no processo de constituição de identidades, desfocando-se a hipótese de um projeto de desenvolvimento apoiado, entre outros, na perspectiva de uma educação escolar para o campo. No máximo, seria necessário decidir por iniciativas advindas de políticas compensatórias e destinadas a setores cujas referências culturais e políticas são concebidas como atrasadas. ([Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001](#), p.18 e 19) disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>.

A LDB 5692/71 também não dava conta das demandas de educação no campo e permitiu que continuasse os projetos compensatórios para a população do campo.

A LDB 9394/96, reconhece e amplia os direitos dos povos do campo com conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos educandos da zona rural.

Em 2001, o Plano Nacional de Educação prevê formas mais flexíveis de organização escolar para zona rural e uma formação de educadores adequada às especificidades dos educandos e das exigências do meio.

Somente em 2002 que se instituíram as Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo, sinalizando para a real importância da educação do campo. Assim, percebe-se que a educação do campo vem ganhando espaço, nos últimos anos, nos debates e nas políticas educacionais no Brasil. Tal fato merece reflexão, diante do contexto em que ele se manifesta. Observa-se a continuidade do êxodo rural, que se iniciou no século passado e intensificou-se nas décadas de 1960 e 1970, a inviabilização da agricultura familiar e o fortalecimento do agronegócio com produção para exportação.

Conforme o êxodo rural se amplia, observa-se a continuidade da política de nuclearização e fechamento das escolas rurais, com o objetivo de racionalizar a estrutura e a organização das escolas em comunidades onde é reduzido número de crianças em idade escolar, e diminuir o número de classes multisseriadas, orientado pelo Plano Nacional de Educação (Projeto de Lei nº. 4.173/98).

Art. 10 O projeto institucional das escolas do campo, considerado o estabelecido no artigo 14 da LDB, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade. ([Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001](#), p. 24) disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>.

No trabalho pedagógico os educadores necessitam incorporar ações e atividades, que sejam do dia a dia e que tenham utilidade prática para o educando, para a construção de o seu pensar e do seu fazer. Os educadores devem criar a necessidade e ao mesmo tempo, possibilitar às crianças e jovens a se organizarem em grupos para solução dos problemas. Cabe a escola do campo função de criar a necessidade e fomentar a busca de solução. Quando a escola do campo e o professor buscam a gestão democrática ampliam muito as possibilidades de trabalho com princípio educativo na escola, e para tanto, necessita-se de divisão de tarefas, planejamento, avaliação e acompanhamento. Além é claro de um bom fomentador, pois o grupo precisa estar com a auto-estima elevada para produzir adequadamente.

A escola deve assumir as fases do desenvolvimento humano dos educandos e procurar interpretar suas características pessoais e de vivências socioculturais para organizar a escolarização. Para tanto, é preciso repensar e reorganizar a estrutura da escola. Considerar o processo de desenvolvimento humano pode significar mudança na estrutura de pensamento e posição teórica dos educadores, o que necessariamente interfere nos modelos de ensino e nos processos de gestão.

Para o trabalho através de projetos a escola precisa perceber e organizar cada momento e movimento no seu cotidiano, para que o tempo e o espaço sejam educativos. Deve observar o transporte, horários, alimentação, riscos de acidentes com equipamentos, autorização dos pais ou responsáveis, entre outras coisas. O que naturalmente exige profissionais comprometidos, capazes de perceber, criar e inventar, sobre tudo corajosos, pois não é simplesmente pegar uma turma e sair da sala de aula. Para cumprir com tais procedimentos a escola do campo precisa funcionar num tempo maior, não de tempo integral, mas uma escola integral. Pois as práticas na escola e o tempo da escola do campo são diferentes e deve ser observado e respeitado.

Conforme Gohrke (2010), há exemplos de trabalho em projetos de hortas escolares com as mandalas, na constituição de agroflorestas, na tentativa da implementação de práticas agroecológicas entre outros.

É necessário avançar, permear as práticas educativas com a dimensão do trabalho, criando formas de envolver os sujeitos escolares nos pequenos trabalhos na escola ou na comunidade. Colocar tempo nisto, acreditar que nos educamos no trabalho coletivo e não alienado.

Para Vygotsky (2000) e Arroyo (2005), o sujeito aprende e se desenvolve nas relações, entre os sujeitos, com o contexto e com o objeto a ser conhecido, mas fundamentalmente na qualidade e intensidade vivida pelos sujeitos nestas relações. Portanto, este é um aspecto fundamental no repensar a escola.

Através da pedagogia de projetos os alunos são instigados a participarem e com isso aprendem com as diferentes idades, com experiências de vida diversas, com a mediação de alguém mais experiente, seja um agricultor ou seu professor.

Sabe-se que cada idade tem potencialidades próprias para aprender e ensinar. Por isso, pode ser decisiva uma aula diferente, em que o educando tenha contato com outras pessoas, além de seu professor, pois as aspirações e anseios acontecem em diferentes graus de intensidade. Ao mesmo tempo as experiências mostradas podem tocar onde o educador na sala de aula normalmente não atinge.

Neste sentido, precisam-se imaginar as crianças estudando com diferentes grupos na escola e mediados com diferentes adultos. Onde for possível ter um educador e uma educadora para cada grupo de crianças, estudarem os conteúdos escolares com um grupo, a prática do trabalho na escola pode se dar integrando às diferentes idades, pois os mais velhos podem aprender a organizar os mais novos.

Pensar a escola enquanto espaço-tempo de estudo, de pesquisa, leitura, escrita, cálculos, histórias, mas escola também enquanto espaço-tempo de exercitar o trabalho manual. Aproximar crianças com necessidades e potencialidades de aprendizagem para garantir o avanço de todas, superando o sistema de reprovação.

Para desenvolver na escola o trabalho real se faz necessário a organização de equipes, grupos, setores e estes discutindo e estudando formas de achar saídas para os problemas que aparecem, planejando o trabalho e dividindo as tarefas. Podemos ter o trabalho planejado e desenvolvido permanentemente, como o trabalho que aparece em diferentes situações do contexto. São pequenos trabalhos em que as crianças podem desenvolver e aprender com o processo.

O coletivo infantil se estrutura em torno de um trabalho determinado... Em nenhuma hipótese devemos organizar este trabalho de cima para baixo: ele deve ser organizado pelo próprio coletivo infantil, ou inteiramente, por seus próprios meios, ou contando com certa colaboração do professor, considerada como uma simples contribuição de um companheiro mais experiente (PISTRAK, 1981, p.165). *“in: GEHRKE, 2010, Módulo IV – parte II - Educação no campo p. 6”.*

Neste contexto destaca-se a pedagogia da alternância em que o tempo escola e tempo comunidade, as práticas com assembléias e tantos outros presentes no contexto das Escolas do Campo podem contribuir no repensar a gestão democrática da Escola Pública brasileira.

Recentemente surgiram formas mais adequadas para o atendimento para a população do campo, sejam elas do modelo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que propõe um espaço para a formação de consciência através das escolas do campo; as escolas Técnicas Agrícolas que depois de quase extintas hoje são valorizadas; o desenvolvimento das Casas Familiares Rurais com

a Pedagogia da Alternância; mais recentemente a discussão em nível de planejamento da rede estadual e inclusão da Educação do Campo e o próprio desenvolvimento de cursos como a Especialização em Educação no Campo norteiam novos rumos para os povos do campo.

Realmente passamos por momentos difíceis com a ignorância de nossos governantes a cerca do homem do campo. No fundo a própria alienação da sociedade ao longo dos tempos vem contribuindo para o êxodo rural e conseqüentemente o esvaziamento do campo. É muito comum a mídia com suas notícias e programas sensacionalista fazer sociedade acreditar que o campo é feio, que o homem do campo é “burro”, sujo, desdentado, vive rasgado, entre outros jargões.

A maioria dos brasileiros vive nas cidades e têm na televisão sua principal fonte de informação, entretenimento e conseqüentemente alienação. “Uma criança aos 7 anos de idade já passou 3.000 mil horas diante da televisão e já introjetou todas as imposições do consumismo” (Folha de Londrina, 2009). Assim, quando o professor leva um tema do campo para trabalhar em sala com seus alunos “urbanos” é muito fácil produzir um “belíssimo” trabalho como um desfile ou uma quadrilha onde se visualiza logo o ser do campo. Os meninos se sujam todos com carvão para mostrar o “homem” do campo não fazem a barba, usam roupas xadrez e toda remendada para exemplificar a condição de pobreza e até o mau gosto para combinar suas vestes.

A entrada da informática na casa dos brasileiros através da Internet possibilita uma fonte ilimitada de informações e quem sabe um dia terá uma sociedade mais ativa e menos alienada. Quem sabe até aquele professor que propôs trabalhar com seus alunos, possa descobrir com eles que hoje o campo pode significar qualidade de vida, ar puro, alimento saudável (sem agroquímicos), água não contaminada, etc. Tudo isto, podendo estar “antenado” ao que acontece no mundo através do celular ou da Internet no campo. Poderá descobrir inclusive que seus alunos poderão aplicar no campo seus conhecimentos de informática, como no caso das máquinas

que trabalham conectadas com satélites e contando com o auxílio de softwares, podem identificar o talhão que precisam mais ou menos adubo para propiciar uma produção mais satisfatória.

Durante a década de 1990 os governos mais alinhados ao neoliberalismo tentaram acabar com o ensino profissionalizante. Agora percebe-se que foi um grande equívoco e acredita-se que com a educação do campo seja a mesma coisa. Pois as escolas do campo estão voltando com muita força e diversificação, assim será possível incluir muitos filhos de agricultores que não teriam outras oportunidades de estudar um curso superior residindo no campo. Mas agora com os novos cursos e novas formas de estudo eles terão mais oportunidades de descobrir outros caminhos, mesmo no campo. A partir de mais trabalhos e debates sobre o tema, mais valorizado e atrativo será o campo aproximando professor - aluno.

A pedagogia de projetos pode ser uma excelente oportunidade para maior aproximação do professor-aluno, da escola-comunidade, do ensino-aprendizagem. Esta maior aproximação do professor-aluno propicia um ambiente mais profícuo para ambos, o professor passando mais tempo em condição de informalidade com seu aluno, passa conhecê-lo melhor, entender seus anseios e suas dificuldades. Desta forma pode intervir de maneira mais assertiva.

Para o educando é a oportunidade de se soltar mais, discutindo com o professor inclusive seus problemas particulares, que embora não são de responsabilidade do professor, acabam interferindo negativamente no processo de ensino aprendizagem. A maior aproximação da escola-comunidade acontece na medida em que a escola deixa o campo teórico e entra na prática, propondo inclusive soluções para problemas enfrentados pela sociedade. A comunidade almejando objetivos concretos e sentindo-se mais valorizada participa mais ativamente da escola. Construindo este ambiente melhor o processo de ensino aprendizagem realmente acontece, pois se estabelece uma relação de confiança facilitando transferência de conhecimento, e principalmente abrindo para discussão novos conceitos, resolução de conflitos e a produção de novos conhecimentos.

É natural do ser humano que quando colocado à prova e ele tem sucesso em sua prática terá sua auto-estima valorizada. No entanto, para atingir esses objetivos, os projetos a serem desenvolvidos precisam ter começo meio e fim. Pois o que geralmente se observa nas escolas é o desenvolvimento de projetos que são feitos apenas para cumprir o calendário, mera formalidade, sem o envolvimento de fato do professor, aluno, escola, comunidade, enfim do ensino aprendizagem.

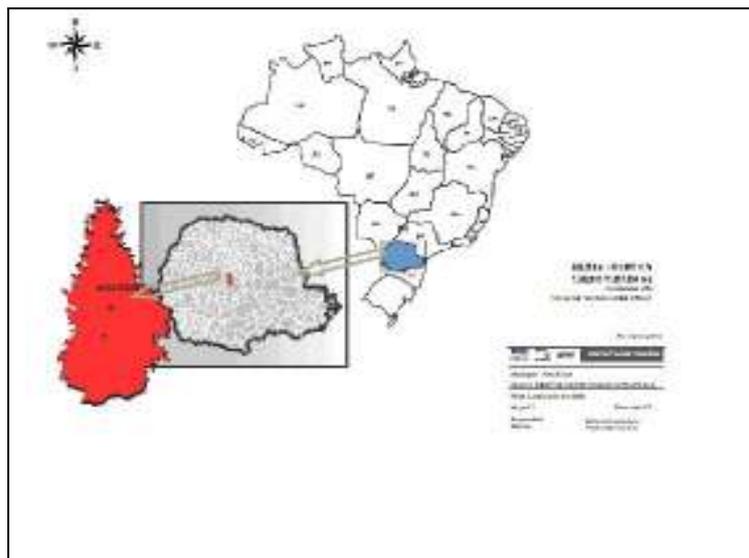
### 3 - Pedagogia de projetos - Relatos de casos Olídia Rocha

Nova Tebas com 525,83 km<sup>2</sup> está a 378 km de Curitiba (Plano Diretor de Nova Tebas, 2009), pertence à região centro do Paraná e participa do Fórum de Desenvolvimento Paraná Centro. Apresenta índice de desenvolvimento humano (IDH) igual a 0,6598, sendo o índice de Emprego e Renda o mais baixo com 0,3921, da Educação 0,7965 e da saúde 0,7907 (IBGE, 2010 in Jornal Paraná Centro). Possui 7.389 habitantes, sendo 2.891 na área urbana e 4.498 na área rural, estando entre os municípios que mais perderam população nos últimos 10 anos, foram 22% (IBGE, 2010 in Jornal Paraná Centro).

Nova Tebas com um PIB total de R\$44.427.466,00 e R\$8.359,00 per capita (Plano Diretor de Nova Tebas, 2009), possui base econômica na agropecuária, sendo forte a produção de grãos como soja e milho, a pecuária leiteira é de corte. O relevo é bastante acidentado sendo restrito à mecanização. É comum os agricultores terem dificuldade de transporte de suas produções devido à precariedade das estradas.

As oportunidades em emprego são representadas pelo comércio local, funcionalismo público municipal e estadual. No setor secundário destacam-se poucas indústrias como algumas serrarias, um laticínio e um alambique. Outra importante fonte de renda para o município são os benefícios previdenciários.

Figura 1: Mapa de Localização de Nova Tebas.



Fonte: Plano Diretor Municipal

Nova Tebas pertence ao Núcleo Regional de Educação de Pitanga, conta com 06 escolas municipais com ensino das séries iniciais, cinco escolas estaduais com ensino fundamental, sendo quatro delas abrangendo o ensino médio. O Colégio Estadual Carlos Drumond de Andrade, na sede, oferta também o ensino médio Técnico em Informática e Técnico em Formação de Docentes. A graduação superior e pós-graduação são ofertadas em Nova Tebas, através da Universidade Aberta do Brasil (UAB) com cursos semipresenciais e à distância nas áreas de docência, Letras, Pedagogia e Artes, Administração e Gestão Pública, entre outras. Outros cursos superiores são ofertados em outros municípios da região pelas universidades públicas e particulares em Manoel Ribas, Pitanga, Iretama e Campo Mourão.

Das cinco escolas estaduais, uma situasse na sede as demais em comunidades como Volta Grande, Barreirinho de Baixo, distritos de Catuporanga e de Poema. Poema está à 16,5 km da sede, ligada por uma estrada pavimentada com pedras irregulares. Possui ligação por estrada cascalhada com os municípios

de Iretama (19 km) e com Arapuã (38 km), ambas em condições precárias e nem sempre permitem o tráfego normal.

O Colégio Estadual Olídia Rocha fica no distrito de Poema, atualmente são 23 professores e 10 funcionários e 239 alunos distribuídos entre o turno da manhã e noite.

Na região de Poema há um grupo de agricultores organizados em uma Cooperativa de produtos orgânicos visando principalmente à produção de frutas, como abacaxi e maracujá. Muitos dos nossos alunos já participaram de discussões sobre a produção orgânica e alguns são membros da cooperativa.

Com as dificuldades postas o êxodo rural continua forte, o que também contribui para evasão escolar.

A pedagogia de projetos pode ser um caminho de sucesso, porém temos alguns gargalos a serem vencidos. Percebe-se que os professores não estão preparados ou acostumados com a pedagogia de projetos. Pelo menos no ensino regular, o professor e também a escola para desenvolver precisam colocar “a cara a tapa” em muitos momentos. O sistema não converge para o desenvolvimento de projetos, pois o tempo do aluno na escola é limitado, o tempo do professor para preparação de atividades é limitado, a mobilidade financeira é limitada, a mobilidade da escola com os alunos é complicadíssima, se for necessário sair do ambiente escolar com os alunos então, é difícil necessitamos autorização dos pais e etc. É visível o despreparo da própria escola para estes projetos, pois os colegas professores e outros funcionários muitas vezes não dão apoio e até criticam aqueles que tentam fazer.

Algumas experiências que vem sendo desenvolvidas na escola Olídia Rocha a cerca de dois anos provam a assertividade da pedagogia de projetos. Projetos como: “Florescendo no caminho do saber”, “Sistema de Esgoto Ecológico e Proteção de Fonte com Solo, Cimento e Pedras.” e “Caminhada internacional da natureza”.

- Florescendo no Caminho do Saber:

Projeto desenvolveu-se entre 2008 e 2009 com os alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Olídia Rocha, distrito de Poema no município de Nova Tebas. Teve como objetivos: chamar atenção dos alunos e dos funcionários da escola para as questões ambientais e melhorar o paisagismo da escola, tornando-a mais acolhedora. Permeando estes objetivos maiores, os alunos também poderiam levar para suas casas e sítios a cultura do ajardinamento e do paisagismo, tornando o ambiente mais limpo e bonito. Este projeto foi desenvolvido com apoio de vários professores e a participação foi por livre adesão por parte dos alunos. Tanto que tivemos alunos de várias turmas dos dois turnos, porém nosso foco sempre foi o terceiro anos. Em contra-turno o grupo se organizou para o plantio de grama em canteiros, cercar, fazer ilhas com flores e palmeiras e colocar orquídeas nas arvores do pátio da escola. A escola providenciou a grama, o adubo orgânico, as flores e as palmeiras. Quanto às orquídeas a preocupação foi ensinar sobre as diferenças de espécies Exóticas e Nativas e colocar apenas exemplares de espécies exóticas para evitar a depredação das espécies nativas.

Neste projeto como era de livre adesão não nos preocupamos em auferir objetivos alcançados posteriormente, pois, o principal objetivo nos atingimos que foi melhorar o ambiente escolar, e isto, todos viram.

- Sistema de Esgoto Ecológico e Proteção de Fonte com Solo, Cimento e Pedras.

Este projeto se desenvolveu em 2009 e 2010 com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Olídia Rocha, distrito de Poema no município de Nova Tebas. Entre os objetivos destaca-se: Propor uma alternativa de construção de sistema de esgoto ambientalmente mais adequado e de baixo custo para as famílias da região, visto que não há coleta de esgoto; propor conscientização ambiental; sensibilizar os alunos para o risco de contaminação e contração de doenças por conta da má condição de higiene, do esgoto a céu aberto, proliferação de insetos e roedores; sensibilizar em relação ao risco de contaminação ambiental, da água e reflorestamento de mata ciliar entorno das nascentes; sensibilizar os

alunos em relação às doenças desenvolvidas em águas contaminadas por vírus, bactérias e outros vetores; promover um maior entrosamento entre os alunos e entre alunos e professores; levar a escola mais perto da comunidade propondo soluções para seus problemas hoje; propor estudos sobre as doenças causadas pelas água contaminadas;

- Caminhada Internacional na Natureza.

Este projeto se desenvolveu em 2009 e 2010 com os alunos do Colégio Estadual Olídia Rocha, município de Nova Tebas. A Caminhada Internacional na Natureza promovida pela Emater, prefeitura e Grupo de Apoio ao Turismo, em parceira com o Colégio Estadual Olídia Rocha. O objetivo principal destas caminhadas é a contemplação da natureza e tirar as pessoas do sedentarismo. Cada circuito com suas particularidades, se imbui de objetivos específicos. Para o Circuito Casa de Pedras, propomos a conscientização ambiental e valoração do meio rural e do Homem do Campo.

Para conscientização ambiental contamos com o apoio do Colégio Estadual Olídia Rocha, professores e alunos ajudaram a fazer o evento, por exemplo: Pesquisando arvores nativas da região e fazendo a identificação com nomes científicos e populares, preparando faixas, cartazes e frases de sensibilização para preservação ambiental. Os alunos também fazem a sensibilização sobre o lixo, colocando cartazes e lixeiras ao longo da trilha e ao final uma equipe percorre o circuito recolhendo. Os alunos ajudam na preparação das trilhas, colocação de placas e confecção de barracas de bambu, nos pontos de controle carimbando as carteirinhas dos caminhantes e organização da feira de artesanatos e produtos da agricultura familiar no final do evento.

“Os principais pontos turísticos visitados foram: “O Mirante”, “O Salto”, “A Casa de Pedras” e o “Morro do Cruzeiro”....Uma equipe de saúde municipal esteve presente durante todo o evento para atender algumas pessoas que passaram mal devido ao calor. Apesar de cansativa e exaustiva, segundo alguns, a caminhada foi muito divertida e realmente possibilitou um contato direto com as belezas naturais do nosso município”. <http://www.ntsolidia.rocha.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=51> acessado em 20/04/2011.

Junto com os professores da Olídia Rocha os alunos pesquisam artefatos indígenas, a formação das rochas basálticas, dos solos de terra roxa da região e lá na casa de pedras faz uma amostra destes trabalhos. Organizou-se uma tropa de muares para uma cavalgada, celebrando a cultura local e as lembranças do tropeirismo, inclusive no prato principal servido aos caminhantes que foi o arroz tropeiro. Os alunos fizeram pesquisas sobre o tropeirismo, entrevistaram caminhantes e produziram matérias sobre o evento para o jornal da escola.

Mais uma vez a sedentária equipe do Olídia News resolveu se aventurar pelas trilhas naturais desse nosso município tão bonito e tão desconhecido para nós. Nossa participação na 2ª Caminhada Internacional da Natureza foi uma verdadeira aventura, considerando que somos um grupo, professora e alunos, que não possui o hábito de caminhar distâncias tão longas.... Desse modo, participar da 2ª Caminhada Internacional da Natureza me fez perceber que apesar de todos os problemas vividos aqui, é possível se sentir feliz porque a natureza exuberante que se encontra em nosso território só pode ser uma benção divina. *Matéria: Equipe Olídia News* <http://www.ntsolidiarocha.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=50> acessado em 20/04/2011.

Para nossos educandos é uma valorização da sua comunidade pois, o café da manhã, o almoço e outros alimentos oferecidos aos visitantes foram todos produzidos e servidos pelos agricultores familiares, com produtos locais e em muitos foram produzidos de forma orgânica.

Figura nº. 02 – Sistema de Esgoto Ecológico e Caminhada na Natureza.



FIGURA 2. Sistema de esgoto ecológico e Caminhada Internacional na Natureza  
Fonte: FREITAS, Marcos A., 2010.

#### 4 - Considerações finais

A partir da problemática colocada percebe-se que o trabalho por projetos deve partir da realidade, seu desenvolvimento junto com a comunidade e retorno à escola. Procurando trabalhar algo mais próximo da realidade dos nossos alunos é que se desenvolveram os projetos “Florescendo no Caminho do Saber”, “Sistema de Esgoto Ecológico” e “Caminhada na Natureza”. Através dos projetos os alunos acabam se conhecendo melhor e visitam a casa dos colegas, dessa forma, mais próximos, diminuem os conflitos internos e eles acabam fazendo festa. Assim mais descontraídos, percebe-se que o ato de ensinar e aprender se torna mais próximo, pois se discute coisas que muitas vezes eles já conhecem e após podem aplicar em suas propriedades o conhecimento desenvolvido. Desta forma atingindo a necessidade da comunidade, aproxima-se a escola da comunidade, bem como o professor do aluno.

Temos exemplos de alunos que participando desses projetos, descobriram outro caminho para suas vidas, ao invés de migrarem para Curitiba ou Joinville como seus colegas, matricularam-se no curso pós-médio escola agrícola e em 2010 já tivemos novos profissionais para atuarem na região com os agricultores. Isto para nossa escola é um orgulho.

#### Referencias Bibliográficas:

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis, Vozes, 2000.

EMATER, **Diagnóstico área de programação integrada**, Pitanga, Emater, 2006.

<http://portal.mec.gov.br/cne/pdf/CEB012002.pdf> acessado em 07/04/2011

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados) acessado em 07/04/2011

Parecer CNE/CEBnº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001, p.18 e 19 - disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>. Acessado em: 07/04/2011.

<http://rizomas.net/cultura-escolar/bases-de-dados/208-regras-para-citacao-e-referencias-abnt.html#tipos> acessado em 01.05.2011

<http://www.ntsolidiarocha.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16> Acessado em 10/04/2011

JARA, C. J. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília: IICA, 2001.

Jornal Folha de Londrina – Londrina, 14 de novembro de 2009, edição 18.214, ano 61, p.2.

Jornal Paraná Centro – Ivaiporã, 31 de agosto a 6 de setembro de 2009, edição 781, p.12.

Jornal Paraná Centro – Ivaiporã, 6 a 12 de dezembro de 2010, edição 846, p.14.

NOVA TEBAS (município). **Plano Diretor Municipal**. Paranaicidade: julho, 2009, disponível em: <http://www.novatebas.pr.gov.br/controling/sistema/prefeitura/adm/arquivos/9a416f9df277.pdf> acessado em 03/04/2011

NOVA TEBAS (município). **Projeto Político Pedagógico**. Colégio Estadual Olívia Rocha: 2010, p. 11.

TAMDJIAN, James Onnig. **Geografia Geral e do Brasil: Estudos para compreensão do espaço**. 1ª edição, São Paulo, FTD, 2005.

GEHRKE, M. Educação do Campo – Módulo III – Práticas Pedagógicas em Educação do Campo. In gestão Democrática da Educação Escolar do campo, 2010.